

## A PROBLEMATIZAÇÃO DO PROGRAMA “ESCRAVO, NEM PENSAR” NA PERSPECTIVA FREIRIANA<sup>1</sup>

### *THE PROBLEMATIZATION OF THE PROGRAM "ESCRAVO, NEM PENSAR" IN THE FREIRIAN PERSPECTIVE*

Hildete Pereira dos Anjos<sup>2</sup>

Moisés Pereira Silva<sup>3</sup>

Jôyara Maria Silva de Oliveira<sup>4</sup>

#### RESUMO

O trabalho analisa, a partir da teoria freiriana, o livro de apoio didático do programa “Escravo, nem pensar”. O programa, criado pela ONG Repórter Brasil, atua nas escolas públicas com o objetivo de combater e prevenir o trabalho escravo contemporâneo a partir da educação. Relacionando o modo de organização do livro com os princípios propostos na obra freiriana, percebe-se que a proposta do Programa “Escravo, nem pensar” apresenta-se como possibilidade de educação emancipadora, com base na relação dialógica.

**Palavras-chave:** Teoria freiriana; Formação de professores; Escravidão contemporânea.

#### ABSTRACT

*The work analyzes, from the Freirian theory, the didactic support book of the program "Escravo, nem pensar". The program, created by the NGO Reporter Brazil, works in public schools with the objective of combating and preventing contemporary slave labor from education. Relating the way the book is organized with the principles proposed in Freire's work, it can be seen that the proposal of the "Escravo, nem pensar" Program presents itself as a possibility of emancipatory education, based on the dialogical relationship.*

**Keywords:** Freirean theory. Teacher training. Contemporary Slavery.

#### 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> A pesquisa que embasa o presente artigo é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através de bolsa de Mestrado.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia/ UNIFESSPA. E-mail: [anjoshildete@unifesspa.edu.br](mailto:anjoshildete@unifesspa.edu.br).

<sup>3</sup> Doutor em História Social. Professor da Seduc-PA e professor licenciado da Universidade Estadual de Goiás, UEG. E-mail: [mosico100@gmail.com](mailto:mosico100@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia/ UNIFESSPA. E-mail: [joyaraoliveira@unifesspa.edu.br](mailto:joyaraoliveira@unifesspa.edu.br).

Educar para a libertação é muito significativo numa proposta de formação para o enfrentamento ao trabalho escravo. Nesse sentido, tão importante quanto à produção de conhecimento sobre o trabalho escravo são as discussões de práticas educativas significativas, dentro do espaço escolar, rompendo com o modelo de educação tradicional e desenvolvendo uma educação que venha a contribuir para a formação da consciência crítica. Essa é proposta do programa “Escravo, nem pensar” (ENP) desenvolver conhecimento crítico, a partir da realidade dos sujeitos, para o enfrentamento e prevenção ao trabalho escravo contemporâneo.

O “Escravo, nem pensar” é um programa que atua nas escolas públicas com o objetivo de combater e prevenir o trabalho escravo contemporâneo, a partir da educação. Foi criado, em 2004, pela ONG Repórter Brasil e atua no município de Marabá (Pará) desde 2007. O foco do programa é a formação de professores para atuar nas escolas com o tema da escravidão contemporânea, relacionando com os conteúdos curriculares e em conformidade com a realidade da comunidade escolar.

O programa parte do princípio de que é possível combater a escravidão contemporânea a partir de uma educação pautada na sensibilização e conhecimento crítico. Para isso, o programa dispõe de uma metodologia específica pautada em determinadas categorias: construção coletiva; participação e o diálogo; contextualização da realidade e valorização da autonomia dos sujeitos. Essas categorias são também aspectos que estão presentes na teoria do conhecimento desenvolvida por Paulo Freire, conhecida também como pedagogia libertadora (GADOTTI, 1996).

Além da formação e o desenvolvimento de oficinas, o ENP também disponibiliza material de apoio didático para auxiliar o professor a desenvolver projetos na sala de aula sobre a temática da escravidão. Para esse artigo apresentam-se os aspectos metodológicos do programa e se realiza uma análise da estrutura da segunda edição do livro “Escravo, nem pensar! Uma abordagem sobre trabalho escravo contemporâneo na sala de aula e na comunidade (REPÓRTER BRASIL, 2012)”, investigando na organização desse livro conceitos próprios da teoria freiriana: tema gerador; professor pesquisador; educação como ato político; problematização; diálogo e rigorosidade metódica.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho compõe parte de uma pesquisa de mestrado, que está em andamento, a qual tem como objetivo geral analisar, a partir da execução do programa ENP, na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Paulo Freire, em Marabá (Pará), as relações entre a pedagogia libertadora e a metodologia do Programa ENP. Considera-se que a escola Professor Paulo Freire, devido a sua história de lutas – uma escola criada a partir da iniciativa da própria comunidade, que preocupada com a educação de suas crianças lutou pela criação da escola pública no seu bairro – indica condições favoráveis para a proposta metodológica do ENP, uma vez que a própria escola assume ser adepta da teoria freiriana.

Para tanto, neste artigo, serão discutidos os aspectos metodológicos do programa e a análise bibliográfica do livro de apoio didático destinado aos professores em formação, discutindo como os conceitos freirianos estão inseridos na proposta de educação do programa e na construção do livro.

### **3 O PENSAMENTO FREIRIANO**

Paulo Freire é um educador brasileiro reconhecido internacionalmente pela sua teoria do conhecimento, faz uma crítica à educação brasileira denominada por ele de “educação bancária” e propõe discutir outras formas de se pensar a educação. Deixou um grande legado espalhado pelo mundo: seu nome está vinculado a várias universidades internacionais e universidades brasileiras. Recebeu várias homenagens e prêmios. Em 2012, o educador e filósofo Paulo Freire foi nomeado Patrono da Educação Brasileira. Aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer e trabalhar junto com ele, o descrevem como uma pessoa muito humana, que amava a vida e as coisas do mundo (VENTURI, 2007).

Na sua filosofia de educação, Freire vê o ser humano como um ser curioso, um ser inacabado e inconcluso que está sempre a procura do saber. A curiosidade é uma categoria fundamental presente nos princípios da teoria de Paulo Freire. De acordo com ele, é da natureza humana a curiosidade, e é essa curiosidade que faz o educando aprender, a conhecer as incertezas e o significado das coisas próximas da sua realidade (GADOTTI, 1996). Os seres humanos são sujeitos de ligação, conectados com o mundo, compartilhando o mundo com o outro, e este mundo está em constante transformação. Sendo assim, o ser humano está

em constante processo de evolução e transformação, por isso que são seres inconclusos e inacabados. Daí que Freire (2011b) diz que a grande vocação do ser humano é a humanização, o ser mais, que quando é negada, a luta do oprimido é restabelecer a sua humanidade, sua liberdade. Dentro de uma educação libertadora, esse processo de humanização se dá através do diálogo e da conscientização, em que os sujeitos partem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, restabelecendo uma relação entre os homens e homens, homens e mulheres e esses como o mundo.

Freire acredita que para uma educação libertadora é necessário o diálogo como sendo a essência da educação, em que educador e educando se educam juntos, conectados com o mundo. Na educação dialógica deve ser superada a contradição educador-educando, na qual o professor comunica e o educando recebe a comunicação e a decora.

Na concepção de educação dialógica o educador não deve tratar da realidade como algo parado, um recorte de uma determinada situação e nem trabalhar temas distante da realidade de seus alunos. O educador ao invés de forçar a memorização de teorias críticas pelo educando, poderia, através do diálogo, problematizar a contradição presente na relação opressor-oprimido e, assim, realizar uma reflexão na prática. “Uma pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação” (FREIRE, 2011b, p. 43). Aqui, Paulo Freire desenvolve a questão fundamental da sua concepção de educação: a liberdade-libertação. A educação tem como objetivo a libertação da realidade opressiva, buscando transformá-la e lutando para melhorar a realidade dos oprimidos para que esses se reconheçam como sujeitos da sua história. (GADOTTI, 1996).

#### **4 ANÁLISE DO LIVRO DE APOIO DIDÁTICO DO PROGRAMA “ESCRAVO, NEM PENSAR”.**

A escravidão contemporânea está disseminada em todos os lugares do mundo e tem como um dos seus principais motivos as desigualdades sociais e a condição de extrema pobreza em que várias pessoas vivem. Nessa situação, o escravista tem total controle do trabalhador, com fins lucrativos (BALES, 2001).

O trabalho escravo contemporâneo é um negócio rentável uma vez que o escravista não tem muitos gastos com sua produção; pois, esse não arca com as despesas salariais do trabalhador. Pensando nesse problema, a ONG Repórter Brasil cria o programa ENP com o objetivo de conscientizar e combater as práticas escravistas através da educação, desenvolvendo conhecimento e levando informação para as escolas públicas do Brasil a fim de alcançar um maior número de pessoas.

Os pressupostos teórico-metodológicos do processo formativo do programa ENP são inspirados na perspectiva da educação popular. Embora existam outros aspectos da educação popular na proposta do ENP, a base da proposta de formação do Programa são os pressupostos metodológicos: construção coletiva; participação e o diálogo; contextualização da realidade e valorização da autonomia dos sujeitos.

Primeiramente, compreendemos que todo indivíduo é provido de saber, o qual deve ser valorizado, seja ele formal ou informal. Sendo assim, o conhecimento só pode ser construído de forma efetiva, se essa *construção for coletiva*, partindo de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Logo, a *participação* e o *diálogo* são centrais nesse processo; ambos são instrumentos didáticos que permitem a troca de saberes. Além disso, o conhecimento deve ser contextualizado na *realidade* local. Outro pressuposto fundamental é a *valorização da autonomia* dos sujeitos. Entendemos que os participantes da formação devem se colocar como sujeitos do processo educativo, durante a formação e em suas escolas. Sendo assim, apresentamos propostas de abordagens dos conteúdos, de discussões e didáticas específicas para que sejam incorporadas, reproduzidas ou transformadas pelos participantes de acordo com a sua experiência e o contexto local. É importante ressaltar que um de nossos pressupostos é também a utilização de materiais didáticos simples, de fácil acesso e triviais ao ambiente escolar, o que colabora para essa apropriação e adaptação da metodologia utilizada na formação para a sala de aula (REPÓRTER BRASIL. s/d, p. 08).

Sobre a “construção coletiva” o programa considera que todo indivíduo possui um saber e que esse saber deve ser valorizado. O que importa aqui é o mundo do sujeito do conhecimento que é, em si, objeto de conhecimento. É a ideia de que “na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração” (FREIRE, 2005, p. 191). A construção do conhecimento deixa de ser um ato mecânico para tornar-se uma prática democrática de construção coletiva do saber, o que só é possível numa perspectiva dialógica de relação humana. Sobre o assunto, Freire (2005) defende que, para a concretização de uma relação dialógica, é necessária a superação do autoritarismo de quem é dono de um saber, sobre quem não sabe e deve receber esse saber. Diferentemente da relação

antidialógica, que é autoritária e instrumentalizadora, a prática dialógica parte da problematização dos contextos de vida dos sujeitos, sendo o diálogo o “encontro dos homens para ser mais” (FREIRE, 2005. p. 94). Dessa forma, a construção do conhecimento é um processo “participativo e dialógico”.

Considerando-se que o objetivo fundamental do Programa é a prevenção ao trabalho escravo nada mais apropriado do que a “contextualização da realidade” social dos alunos, elemento enfatizado no material do ENP. Reconhece-se a importância da vida, do trabalho, da cultura, enfim, das possibilidades de reconhecimento, pelos alunos, dos mecanismos e das estratégias utilizadas por aqueles que se beneficiam do trabalho escravo. Disso decorre outra consequência, a “valorização da autonomia dos sujeitos”. É possível que qualquer indivíduo diga, ou escreva alguma coisa sobre o trabalho escravo, mas somente o sujeito, no mundo que constitui sua realidade, pode fazer uso desse saber que, por isso, precisa ter significados para si.

A autonomia, no entanto, não é pensada apenas do ponto de vista dos sujeitos vulneráveis ao trabalho escravo; mas, e isso também é importante, enquanto perspectiva do trabalho docente. Nesse caso, os participantes da formação devem ter a autonomia para modificar a metodologia, os instrumentos didáticos, ou as propostas de abordagem dos conteúdos de acordo com a realidade da escola ou comunidade em que atuam. Dessa forma, levando em consideração os pressupostos metodológicos do programa ENP, parece cabível uma reflexão mais detalhada sobre a relação dos princípios fundamentais da teoria freiriana com a metodologia do ENP.

Destacam-se agora, alguns conceitos freirianos que tem relação com os pressupostos metodológicos do ENP e que estão presentes no livro “Escravo, nem pensar! Uma abordagem sobre trabalho escravo contemporâneo na sala de aula e na comunidade (REPÓRTER BRASIL, 2012)”, destinados para os professores em formação: educação como ato político, pesquisa, rigorosidade metódica, problematização, diálogo e tema gerador.

Um dos aspectos presente na teoria de Freire (2011a) é a “educação como um ato político”, para o autor não existe educação neutra. O livro de apoio didático possui um discurso político muito forte a favor dos trabalhadores, das pessoas escravizadas, dos povos indígenas e dos movimentos sociais. Além de denunciar os problemas ambientais, os

impactos ambientais causados pelo agrotóxico, os problemas de saúde, danos ambientais causados pela mineração e as siderúrgicas, a concentração de terra e os empregadores que se utilizam da mão- de- obra escrava, onde se tem pessoas da própria política partidária envolvidas.

O trabalho é peça fundamental na vida dos direitos humanos. Vimos neste capítulo que diversos direitos e conquistas de melhores condições de trabalho foram fruto da luta e da organização dos trabalhadores. Para aprofundar esse debate, você pode sugerir ao grupo que pesquise a história das conquistas dos direitos dos trabalhadores (REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 20).

O primeiro capítulo do livro trata sobre questões relacionadas ao direito e o trabalho. O ENP se propõe a discutir o que é o trabalho humano e os direitos trabalhistas, destacando a luta dos trabalhadores mobilizados em sindicatos e associações, organizando greves e paralisações pela conquista de direitos trabalhistas.

[...] Em Piquiá de Baixo, localidade de Açailândia onde moram 300 famílias, nada menos do que 65,2% das pessoas sofrem com problemas respiratórios. No assentamento Califórnia, comunidade de 268 famílias da região, mais da metade dos habitantes (52,1%) possui estado de saúde ruim, ou muito ruim. Ao mesmo tempo, apenas no primeiro trimestre de 2011, a Vale registrou lucro de 11, 291 bilhões. Passando trinta anos da implantação do Programa Grande Carajás, o Maranhão, um dos Estados atingidos pela sua atividade, não vive o mesmo progresso da [empresa] Vale (REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 1001).

Já o capítulo seis discute a questão ambiental com relação ao trabalho escravo contemporâneo, trazendo alguns recortes de reportagem que mostram os danos ambientais que são causados pela produção de soja, eucalipto, cana de açúcar (atividades que, em sua maioria, tem uma relação direta com o trabalho escravo) e os danos causados na saúde dos moradores pelas siderúrgicas, fazendo questionamento a respeito da contradição existente; de um lado, uma grande empresa que explora recursos naturais de uma população e tem altos lucros anuais; e do outro, essa mesma população sofre com problemas de saúde causados pela própria empresa. Dessa forma, ou o educador desenvolve uma educação a serviço do opressor, ou ele defende uma educação para a liberdade do oprimido. Nesse sentido Freire (2011c, p. 67) afirma:

Esse problema de ensinar ou de educar é fundamental e que, sem dúvida, relaciona-se ao que dizíamos antes: posições políticas bem determinadas em um mundo hierarquizado no qual os que detêm o poder detêm o saber, e ao professor a sociedade uma parte e do poder. Este é um dos caminhos de reprodução da sociedade.

Paulo Freire afirma que não há como escapar do caráter político da educação, mesmo quando o educador diz ter uma prática neutra, apenas pedagógica e que não se envolve com questões políticas. Esse já está assumindo uma posição política, que é a posição de manter as relações de poder, ao invés de denunciar as suas contradições.

No tópico denominado “pesquisa” há, além do material de consulta, a indicação de leituras para os professores; sob o título de “mais dicas” sugere aos participantes do curso referenciais para o conhecimento teórico da temática do trabalho escravo, conforme abaixo:

#### MAIS DICAS

##### VÍDEOS

- Aprisionados por Promessas (2006, 17 MIN) – Documentário, produzido por Comissão Pastoral da Terra, Centro pela Justiça e o Direito Internacional e Witness.
- Nas Terras do Bem-virá (2007, 110 MIN) – Documentário. Direção de Alexandre Rampazzo.
- À Sombra de um Delírio Verde (2011, 30 MIN) – Documentário. Direção de Na Baccaert, Cristiano Navarro e Nicolas Muñoz.

##### SITES

- Programa de rádio “Vozes da liberdade”: [www.reporterbrasil.org.br/vozes](http://www.reporterbrasil.org.br/vozes)
- Agência de Notícias da Repórter Brasil: [www.reporterbrasil.org.br](http://www.reporterbrasil.org.br)
- Comissão Pastoral da Terra: [www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br)
- Organização Internacional do Trabalho: [www.oit.org.br](http://www.oit.org.br)

##### LIVROS

- Vidas Roubadas – Escravidão e morte na Amazônia. *Binka Le Breton* (Loyola, 2002).
- Pisando fora da Própria sombra – A escravidão por dívida no Brasil contemporâneo. Ricardo Rezende (Civilização Brasileira, 2004).
- Atlas político-jurídico do trabalho escravo contemporâneo no Estado do Maranhão. Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán (ÉTICA, 2011).
- Almanaque do alfabetizador. MEC/OIT/ Repórter Brasil (2009).  
(REPÓRTER BRASIL, 2012. p. 48).

A existência de um tópico como “pesquisa”, no livro didático, é o pressuposto de competência científica do professor e de possibilidade de conhecimento formal do mundo da parte do aluno. São atitudes necessárias. O reconhecimento do contexto de vida do aluno faz-se, sobretudo, a partir de uma compreensão crítica desse contexto, no que é fundamental, por exemplo, a habilidade de ler. Paulo Freire defende que a pesquisa deve ser uma prática cotidiana do professor, o professor deve se perceber como um pesquisador; deve sempre questionar, indagar, constatar e pesquisar para conhecer o que ainda não conhece (FREIRE,

1996). O programa ENP pressupõe conhecimento teórico sobre o trabalho escravo da parte dos professores envolvidos no programa, para o que é imprescindível o processo de pesquisa.

A “rigorosidade metódica”, no horizonte da proposta do programa é fundamental, para que se possa distinguir as questões relacionadas ao trabalho escravo, inclusive, casos de trabalho escravo, de noções gerais fundadas no senso comum. Há no material de apoio didático disponibilizado pelo Repórter Brasil a expectativa de esforço para que o professor, pelo estudo do tema, possa desenvolver a competência e possa formar competências que sejam capazes de ler casos de trabalho escravo na prática cotidiana das pessoas, objeto da formação, inclusive, partindo da realidade de vida destes trabalhadores. No material de apoio, sob o título de “Mão na massa”, os organizadores do material formativo propõem atividades que, organizadas pelo educador, possam ajudar o aluno a relacionar o conceito de trabalho escravo com a vida prática.

Solicite aos alunos e alunas que escrevam um texto narrativo, como lição de casa, sobre a vida de um trabalhador que tenha sido explorado como mão de obra escrava. Se houver algum trabalhador na comunidade que tenha sido submetido ao trabalho escravo, você pode convidá-lo para dar um depoimento (REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 47).

A “rigorosidade metódica” não tem a ver com o tratamento que se dá ao objeto, ou aos conteúdos, aquilo que Freire chama de discurso bancário, mas com a relação que deve ser feita entre os conteúdos com o cotidiano, desenvolver conhecimento que estão conectados com o concreto (FREIRE, 1996).

O livro do ENP discute as formas de escravização do trabalho a partir de textos e documentos. Nessa atividade, com a orientação do educador, o educando poderá identificar, na sua realidade cotidiana, as características do trabalho escravo. A atividade também procura objetivar o problema, condição necessária para o seu enfrentamento.

A “problematização” é outro elemento central da formação. Há duas estratégias no material formativo. No primeiro caso, há indagações que podem ser respondidas pelos alunos. A natureza dessas indagações é produzir uma reflexão sobre o cotidiano de vida e trabalho das pessoas participantes do processo formativo. Outra perspectiva, é a utilização de iconografia que, acompanhada de indagação, ou não, também contribui para a constituição de um momento reflexivo sobre a temática. O objetivo é que os sujeitos possam reconhecer seus

contextos de vida e de trabalho e que possa, mesmo quando ele próprio não é afetado, reconhecer os elementos práticos da escravidão contemporânea.

PARA REFLETIR

- Ainda existe trabalho escravo no Brasil?
- Quais são as principais características do trabalhador que pode ser escravizado?
- Pelo perfil dos trabalhadores, você consegue imaginar as condições em que vivem em seus locais de origem? (REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 22-23).

Na “problematização” deve-se sempre questionar e refletir sobre os temas tratados. Esses questionamentos vão ter como resultado uma relação dialógica entre educador e educando (FREIRE, 1996). A problematização é um dos princípios mais importantes na teoria de Paulo Freire. Ele destaca a importância do educador levantar indagações críticas a respeito dos temas desenvolvidos na sala de aula.

Na primeira pergunta do excerto acima, após tratar dos aspectos do conceito de trabalho escravo, o livro levanta o questionamento se ainda há, no Brasil, esse tipo de prática. Depois, na segunda pergunta, o texto leva a pensar sobre o perfil das pessoas que são aliciadas para o trabalho escravo, oferecendo a possibilidade de educando e educador refletirem sobre a falta dos direitos humanos como uma das causas da continuação desse problema. A problematização só pode ser desenvolvida a partir de uma relação dialógica entre educador e educando.

Paulo Freire considera que só há comunicação a partir do “diálogo” entre educador e educando, sendo que, no diálogo, “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala, ou enquanto ouve” (FREIRE, 1996. p. 86). Sobre o assunto, ao problematizar o tema da escravidão contemporânea, o livro do ENP desenvolve atividades para estimular o diálogo entre educador-educando, como se pode ver abaixo:

Faça algumas perguntas ao grupo: Trabalho escravo realmente existe hoje em dia? Vocês têm notícia de algo desse tipo? Onde já ouviram falar sobre possíveis casos? Esse passo de diálogo expõe os conhecimentos que o grupo já possui sobre trabalho escravo, permitindo, aliás, perceber se o fato está de alguma forma presente na realidade local. Também vai mostrar o que as pessoas pensam sobre o problema. Caso o grupo mostre incerteza ou desconfiança em relação à questão, com o desenrolar da atividade poderemos trabalhar com muitos elementos novos, até então

desconhecidos, que deverão contribuir para um novo olhar (ONG REPÓRTER BRASIL, 2012. p. 46).

Para Freire, uma educação dialógica deve ser construída a partir de uma comunicação em que educador e aluno vão se educando juntos (FREIRE, 2005). Isso leva à questão do “tema gerador”, que é constituído daquilo que é mais importante a um grupo social. Aquilo que, por sua gravidade, ou por sua importância na vida social, dá sentido ao ato educativo.

Nesse caso, a temática da escravidão contemporânea é um grande tema gerador. Trata-se de um assunto relacionado à realidade dos educandos das escolas pública do Brasil, geralmente filhos das classes populares e, portanto, vítimas potenciais de exploração extrema. Ligados ao trabalho escravo, existem subtemas que podem constituir temas geradores, como a questão agrária, os problemas ambientais, a migração e o tráfico de pessoas. Esses temas, inclusive o do trabalho escravo, no âmbito da escola, podem ser desenvolvidos de forma interdisciplinar, com os conteúdos curriculares. Sobre o conceito do tema gerador, Paulo Freire (2005, p. 103) afirma:

Esta investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja, igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.

Para Freire, o tema gerador não é um estudo do sujeito como se fosse um objeto de pesquisa e muito menos para comprovação de alguma hipótese, mas a investigação profunda dos temas e assuntos que fazem parte da realidade do sujeito, para serem problematizados na sala de aula. Para isso, é necessário que educador participe da vida do educando, conheça o contexto da comunidade e, principalmente, dialogue com ele.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho escravo contemporâneo é um problema histórico e social que deve ser debatido. Em vista da variedade de situações de trabalho escravo, independente da região e do tipo de atividade, a educação parece ser uma das ferramentas para o enfrentamento dessa prática que fere os direitos humanos.

Reconhece-se aqui que, embora a educação seja ferramenta importante, não será eficaz qualquer modelo de educação. A educação tradicional, aquela identificada por Paulo Freire como educação bancária, não tem condições de contribuir com a superação do trabalho escravo, porque é autoritária e negligente.

Freire (1997) reconhece que a educação sozinha não é a solução para todos os problemas sociais. “É reconhecer que sem ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa (FREIRE, 1997. p.21).” Nesse sentido, à medida que a proposta do Programa “Escravo, nem pensar” se apresenta como possibilidade de educação emancipadora, que reconhece nos indivíduos o potencial para a construção de saberes e o seu contexto como objeto desses saberes, bem como a importância da relação dialógica como possibilidade de reconhecimento entre os sujeitos do processo educativo, avalia-se que há aí uma possibilidade efetiva de enfrentamento do trabalho escravo contemporâneo com elementos da perspectiva freiriana de educação. A produção de conhecimento acerca desse tema possibilitará exercícios de conscientização e sensibilização, para que o problema do trabalho escravo contemporâneo ganhe mais visibilidade na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BALES, Kevin. **Gente descartável: a nova escravatura na economia global**. Lisboa: Caminho, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996.

REPÓRTER BRASIL. **Escravo, nem pensar:** uma abordagem sobre trabalho escravo contemporâneo na sala de aula e na comunidade. 2. ed. São Paulo: Repórter Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Escravo, nem pensar!** Uma experiência de formação continuada para professores. Disponível em: <http://www.escravonempensar.org.br/wp-content/uploads/2013/03/1.-metodologia.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PAULO FREIRE contemporâneo. Produção de Toni Venturi, 2007. 1 vídeo (50 min). Publicado pela TV Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6hcABrx70ag> . Acesso em: 22 nov 2017

---

Submetido em: 19/12/2018  
Aprovado em: 06/02/2019